



A ÚNICA FACE DA GLÓRIA

Newton C. de Andrade de Mello

A DEFESA NACIONAL tem evitado publicar qualquer matéria que motive polêmica, particularmente porque é uma revista de cultura profissional. Alguma matéria sobre a qualidade do livro de William Waack "As duas faces da Glória" foi considerada polêmica mais pelo estilo de seus autores do que pelo assunto nela contida. Agora, o Cel Ref Newton C. de Andrade de Mello constrói uma crítica moderada e muito lógica sobre a qualidade deste livro cujo autor foi visivelmente tomado pela incondicional atitude revisionista para ressaltar o que julga o lado desprimoroso da FEB. Vê-se que ele não contribuiu para nada, posto que os próprios integrantes da FEB já haviam assinalado grandes deficiências na nossa organização, preparação e emprego, sem no entanto denegrir nossos homens e sua inteligência. A historiografia não dispensa a crítica, e eis aqui a de um febiano e sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Queira Deus que os jovens conheçam os condicionantes deste modismo de denegrir nosso passado de sacrifícios e de lutas.

QUI SE RASSEMBLE, S'ASSEMBLE

Baseado em fontes estrangeiras, o livro de William Waack, "As Duas Faces da Glória", buscou revelar o *outro lado da colina*. Mas, de fato, não conseguiu nem desmentir nem corrigir, para usar palavras do autor, o que se escreveu *do lado de cá*. Nos comentários que se seguem não me deterei na apreciação de erros palmares, como a referência a uma companhia de tanques brasileira, ou a afirmativa de que

americanos e brasileiros, reunidos na Task Force 45, atacaram pela primeira vez o Monte Belvedere a 24 de novembro, ou de que os alemães nos expulsaram de Barga, nem na impropriedade de linguagem militar, como batalhão de artilharia, grupo tático (em vez de grupamento tático), trecho (em vez de zona de ação) ou fronteira entre as divisões (em vez de limites).

William Waack dispôs de material excelente, qual seja, arquivos alemães, americanos e ingleses. Tivesse ele postura de historiador,

poderia ter elaborado obra construtiva, antes que negativista, e permanente, antes que polêmica. Ela chega a ser perniciosa porque, apresentando as versões dos dois contendores e dos oficiais estrangeiros sem cotejá-las segundo critérios historiográficos, deixa plantada a semente da dúvida e questiona a verdade, quer a nossa, quer a deles.

O autor inicia o livro dizendo que documentos e depoimentos apresentados desmentem ou corrigem "muito do que se vem dizendo nos últimos 40 anos sobre a participação dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial" (pág. 11). E adiante: "... este livro pode ser uma contribuição para novas reflexões sobre o passado e para que a história comece a ser escrita com critérios realmente sérios e científicos" (pág. 14). Partindo da premissa de que as publicações feitas sobre a FEB são desprovidas de seriedade e precisão, o autor revela-se faccioso. Por que a verdade alemã, americana ou inglesa é mais confiável que a brasileira? A censura de W. Waack envolve até o livro do Marechal Mascarenhas de Moraes, "A FEB pelo seu Comandante". Entretanto, aquele chefe, honesto como era, registrou críticas severas sobre o estado sanitário da tropa, a imprestabilidade dos uniformes, o despreparo psicológico, a dificuldade para o treinamento tático no ultramar, o engajamento prematuro do grosso da divisão. Ele chegou ao ponto de dizer, relatando o primeiro revés que sofremos na Itália (31-10-1944) que "(nossas tropas) descu-

raram de certas medidas de segurança e nem sequer estabeleceram razoável plano de fogos, arremates obrigatórios da manutenção de um objetivo conquistado". E mais adiante: "... seus três primeiros escalões de embarque... chegaram à Itália com treinamento incompleto e inadequado, e os dois últimos... partiram do Brasil praticamente sem instrução" (pág. 50, 2ª ed.). Que dizer do severo "Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB"? Eles relataram fatos que nem os "tutores americanos", como chama W. Waack aos oficiais do Exército dos Estados Unidos encarregados de observar a tropa brasileira, poderiam ter presenciado. Em "A Verdade sobre a FEB", o Mar. Lima Brayner não usa do "tom velado ou as meias-tintas de que se costumam valer certos historiadores", como escreveu Joel Silveira. Em suma, não tem fundamento a agressão do autor ao que se tem escrito sobre a FEB.

Endossando as críticas feitas aos oficiais brasileiros, escreve o autor (pág. 13): "Nutro enorme admiração pelos (brasileiros simples e humildes) que se esforçaram por superiores muitas vezes apontados nos documentos como omisos ou, simplesmente, incompetentes". Por que subscrever, *a priori*, o julgamento dos observadores americanos? Eram eles infalíveis? Que parâmetros adotaram para o julgamento? Quando o Maj. Harold Russo pediu, sem conseguir, a retirada de alguns dos observadores brasileiros enviados à Itália em 1944 (pág. 29), estava injustiçando brilhantes oficiais. Um, por

exemplo, era nome destacado da artilharia de então; outro viria a ser chefe do Serviço de Saúde do Exército, como general-de-divisão. Cabe comentário igual quando o autor relaciona (pág. 121) inúmeros defeitos encontrados pelos americanos, inclusive a "incompetência dos oficiais superiores" e a "falta de iniciativa dos oficiais subalternos". Quanto ao rol de críticas sobre sujeira nos vasos sanitários, abuso de velocidade nas estradas, desmazelo na manutenção primária das viaturas e do armamento, não há o que contestar. Houve, na realidade, um choque de culturas, e os americanos extranharam o comportamento do homem brasileiro, inclusive o "jogo de cintura" tão peculiar ao caráter nacional. Argumente-se, em prol dele, que, abruptamente, havia passado da carroça para o caminhão de 2,5 toneladas, do cavalo para o jipe, da viatura-cozinha de tração animal para o fogão de campanha a gasolina, da comida feita na hora para o enlatado. Seja como for, William Waack cometeu grave injustiça a seus patrícios que lutaram na Itália, mormente ao homem comum, simples, tabaréu às vezes que se foi adaptando e transmudando até credenciar-se como combatente de primeira plana. O preconceituoso jornalista precisa ler certas obras escritas deste lado da colina para compreender porque somos "grandiloquentes" — como ele nos tachou de ser — quando relatamos os feitos de nossa gente na guerra.

Para melhor compreensão da presente análise, e só para este

fim, devem-se considerar três fases na atuação da FEB. Primeira — chegada do 10º escalão à Itália, treinamento e emprego no divisor mar Tirreno-rio Serchio e, depois, no vale desse rio, até os primeiros dias de novembro. Segunda — chegada (11 de outubro) e treinamento (sumário) dos 2º e 3º escalões e defensiva agressiva, no período de inverno. Terceira — ataques sucessivos, desde Monte Castelo (21-02-1945) até o vale do Pó. Assim, entender-se-á melhor o conteúdo crítico das observações dos americanos e do próprio autor. Na primeira fase, ou de adaptação a novos componentes sociológicos, explode o mencionado confronto de culturas. Empregada a tropa — Destacamento FEB — há aquela espécie de "marcheaux-flambeaux", quando, pressionando os alemães, progredimos cerca de 40 quilômetros, fizemos vários prisioneiros e acabamos surpreendidos com o contra-ataque de Lama di Sotto-S. Quirico. Depois, é a roçada para o vale do Reno, são os ataques a Monte Castelo. No primeiro e no segundo (24 e 25 de novembro), integrando a Task Force 45, fomos lançados numa aventura, interrompida em poucas horas de luta. Convém acentuar que Monte Castelo era o objetivo inicial do batalhão brasileiro. O objetivo final era Monte Terminale, situado no outro extremo do compartimento. Por isso é que as operações deveriam durar três dias, conforme previsão da Task Force 45. Os erros dos ataques de 29 de novembro e 12 de dezembro tiveram raízes na defei-

tuosa concepção operacional dos dois primeiros, qual seja, emprego de tropa carente de repouso, efetivo inferior às necessidades, ataque frontal e um bastião, exposição a vistas e fogos de flanco. É injusto lançar a culpa do insucesso pura e simplesmente sobre o comando e a tropa brasileira. Se não, vejamos a opinião do Mar. Cordeiro de Farias, inserta no livro "Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias", de Aspásia Camargo e Walder de Góes. Disse ele, referindo-se aos quatro primeiros ataques: "Eram operações completamente impossíveis de serem vencidas". E a seguir: "E assim é que foram feitos os ataques suicidas. . ." E explicou por quê: ". . . eu tinha perfeita consciência de que se tratava de missão fadada ao fracasso. E o Gen. Mark Clark queria que morrêssemos? Ele tinha alguma outra tropa para executar aqueles ataques? Não. A única disponível era a nossa. O que ele queria? Simplesmente dar aos alemães a impressão de que as forças aliadas haviam desistido da tomada de Bolonha e decidido tomar Monte Castelo. Qual era, então, seu real objetivo? Estava claro: levar os alemães para a região de Monte Castelo, esperando a chegada do inverno, e lançar um ataque decisivo a Bolonha".

Sumariando a apreciação da primeira fase, diria que procedem as observações sobre o comportamento do homem brasileiro e o despreparo da tropa. Na segunda, a divisão já atuava como um to-

do no vale do Reno. Esse período caracterizou-se pela atividade de patrulhas em plena nave, de dia e de noite. A despeito das críticas catalogadas pelo autor, realizamos patrulhas notáveis a cargo de sargentos ou de oficiais. O Sgt. Wolf já era patrulheiro famoso na FEB e detentor da "Bronze Star" americana quando morreu no comando de uma delas (12-04-1945.) Outro patrulheiro de renome, o Sgt. Onofre, foi promovido por bravura a segundo-tenente, após comandar uma ação agressiva na custosa frente de Torre di Nerone. O Ten. Amaro Felicíssimo da Silva, do Esquadrão de Reconhecimento, tombou mortalmente ferido à testa de uma patrulha na região de Montilocco, em 20 de novembro. Vários tenentes adquiriram fama de patrulheiros de escol, como o Ten. Célio Regueira. Certa vez, durante o retraining da patrulha que comandava, notou a ausência de seu ordenança. Voltando para buscá-lo e encontrando-o ferido, tentava removê-lo quando recebeu tiros de metralhadora em ambas as pernas. O Ten. Itamar Viana comandou a patrulha que, na região de Caselina, capturou os remanescentes de uma companhia de infantaria alemã, inclusive o comandante dela e um médico, que somavam 34 homens. Às favas, pois, com a maliciosa observação de que não sabíamos fazer patrulhas.

A terceira fase é a da maturidade, da experiência adquirida em combate. São os louros de Monte Castelo, La Serra, Castelnuovo, Montese, Collecchio e Fornovo. É

isso que conta. Como disse o Gen. Douglas MacArthur, não há substitutivo para a vitória. Ela é o objetivo da batalha ou da guerra. Se estávamos despreparados no começo da campanha, evoluímos técnica e taticamente, até coroarmos a missão com a manobra de Collecchio-Fornovo, quando aprisionamos a 148ª divisão alemã e remanescentes de outras duas. No jogo da guerra, venceu a divisão que teve bastante visão tática para interceptar a rota de fuga do adversário para o vale do Pó, sendo fora de dúvida que a impulsão e o arrojado da tropa executante contribuíram decisivamente para o bom êxito do combate. Não é demais lembrar a opinião do Gen. Sílio Portela sobre Collecchio—Fornovo: "Merece ficar em nossa história militar como manobra clássica". O cerco e aprisionamento de uma divisão por outra não teve paralelo na frente italiana e, possivelmente, em nenhum outro teatro de operações. O Cap. Lotar Mull, que comandou um grupo de artilharia da 148ª DI, declarou ao autor que "nunca houve uma batalha de Fornovo" e, sim, "choques de grupos de reconhecimento e algum bombardeio de artilharia". Que estaria fazendo ele enquanto seus companheiros tentavam barrar a progressão brasileira sobre aquela cidade, realizando, inclusive, contra-ataques com apoio de artilharia, na noite de 28 de abril e nas primeiras horas do dia seguinte?

Sobre Monte Castelo, diz o autor à pág. 88: "Há uma acentuada tendência a se considerar a conquista de Monte Castelo como

passo relevante no avanço aliado rumo ao Norte da Itália, atribuindo-lhe às vezes importância estratégica". Ora, nenhum dos escritores militares de cultura profissional comprovada conferiu valor estratégico a Monte Castelo. O Mar. Mascarenhas de Moraes, por exemplo, chamou-o de "baluarte", por sua situação topo-tática no maciço M. Belvedere—M. Della Torracchia; o Ten. Cel. Manoel T. Castelo Branco nem se deteve em apreciações sobre ele; apesar de ter chamado a elevação de "ponto-chave de todo o vale do Reno", o Mar. Lima Brayner escreveu: "... devemos confessar lealmente que a FEB em nenhum momento praticou operações de aspecto estratégico"; o Maj Nelson Rodrigues de Carvalho considerou-o ponto vital para a segurança das comunicações do 4º Corpo; o Gen. Octavio Costa escreveu: "Nessa privilegiada situação topográfica e tática, em que o Monte Castelo era a parte mais sensível, funcionando como uma espécie de charneira, . . ."; e o Gen. Senna Campos: "A importância de Monte Castelo, no conjunto da frente, era indiscutível e a sua conquista uma imposição para o bom êxito das operações planejadas. . .". E, finalmente, o Cel. Segadas Viana: "Monte Castelo era uma ameaça constante para o flanco e a retaguarda de nossas tropas". É inútil obscurecer o belo feito d'armas que foi a conquista de Monte Castelo. A excelente manobra planejada pelo 4º Corpo de Exército fez com que o avanço da 10ª Divisão de Montanha segundo o eixo

M. Belvedere—M. Della Torracchia criasse espaço para que Monte Castelo fosse atacado de flanco. Assim, é inegável o efeito da ação da tropa montanhesa sobre as operações da FEB, mas não é menos que a ocupação de Monte Castelo, a conquista de cota 958—La Serra pelo Regimento Sampaio e sua manutenção diante de ferozes contra-ataques facilitaram a tomada de M. della Torracchia por aquela tropa, que vinha encontrando sérias dificuldades para dominar a resistência alemã. Depreciar a vitória dizendo que “Monte Castelo nunca existiu para os alemães” (pág. 89), e, sim, o ponto 19 da quadrícula 101 de uma carta de 1:100.000 utilizada pelo XIV Exército, é tolice. Numa carta de tal escala é possível que o nome Monte Castelo nem apareça, como não aparece na de 1:200.000. Ele já figura na de 1:50.000 e, com mais forte razão, na de 1:25.000, verdadeiro plano-diretor usado por nós em campanha. É fora de dúvida que os alemães também a usaram no escalão divisão. Se os sobreviventes consultados pelo autor já não lembravam do nome das alturas que defenderam obstinadamente durante três meses até serem batidos pelos brasileiros em 21 de fevereiro, o problema é de simples falha de memória ou desinteresse pela retrospectiva. Por isso, também, é inútil tentar refazer o dispositivo alemão para a defesa da frente M. Belvedere—M. della Torracchia—Monte Castelo, tanto mais que os arquivos da 232ª DI foram destruídos por bombardeios aéreos em Potsdam.

Torna-se igualmente especioso inquirir qual o efetivo que defendia Monte Castelo. Admito, entretanto, que se possam encontrar elementos elucidativos nos arquivos da 114ª Divisão Ligeira e dos escalões corpo de exército e exército.

Outro alvo de depreciação foi Montese. Segundo o autor, “há considerável divergência de avaliações entre a narrativa brasileira e a alemã sobre o início dos combates. Enquanto a FEB, aqui representada pela narrativa oficial de seu comandante, considerava o avanço das primeiras tropas de assalto e patrulhas na manhã do dia 14 de abril como importante penetração na linha inimiga, os alemães afirmaram em seus comunicados que o inimigo ocupara apenas localidades na terra de ninguém. . .”. Isso não é correto. Primeiro, que não houve tropas de assalto, e, sim, forte reconhecimento agressivo, para facilitar o desembocar do ataque; segundo, que, na pretensa terra de ninguém, foram feitos vários prisioneiros em ação de combate; terceiro, que o Mar. Mascarenhas de Moraes o que fez em seu livro foi exaltar o espírito de luta dos pelotões que, “sob o castigo implacável dos bombardeios e dos fogos ajustados das resistências inimigas”, executaram com bom êxito a primeira fase do combate. É preciso notar que, para defender uma área, nem sempre é necessário ou conveniente mobiliá-la, recorrendo-se, então, a fogos de artilharia, morteiros e metralhadoras e campos minados. A verdade é que a dita terra de ninguém foi dominada a

duras penas, com baixas fatais, inclusive a do Ten. Ary Rauen. É igualmente injusto afirmar que "a luta começou para valer" depois de Montese. A conquista da cidade e de outros objetivos na jornada de 14 de abril exigiu "grandes esforços e fortes baixas", no dizer do Mar. Mascarenhas de Moraes. Além do Ten. Rauen, morreu em ação o Asp. Mega. A captura de 107 prisioneiros demonstra que não combatemos fantasmas.

Fazendo do assunto outro cavalo de batalha, enfatiza o autor que os veteranos da 232ª DI entrevistados por ele guardaram pouca memória da FEB ou, em sua maioria, ignoravam que haviam enfrentado brasileiros. Preliminarmente, cabe o alerta de Arnold Toynbee sobre o valor relativo dos testemunhos pessoais. A testemunha pode apreciar o episódio histórico sob determinado ângulo de observação, mais amplo ou mais limitado, e conforme seu nível cultural e as circunstâncias. No caso vertente, há que levar em conta o lapso entre os fatos e a época dos depoimentos, ou seja, 40 anos. Embora irrelevante, a matéria não pode passar sem comentário. Diz o próprio autor que o contra-ataque de 31 de outubro foi levado a efeito por elementos daquela divisão. À mesma pág. 70 informa: "... quando a FEB se aproximou dos Apeninos... o adversário alemão já conhecia sua força e possuía experiência de combate direto contra os brasileiros". Ora, como eles fizeram prisioneiros naquele contra-ataque e haveriam de fazê-lo durante os

ataques malogrados a Monte Castelo, conclui-se que a memória dos entrevistados falhou. Aliás, o próprio comandante da 232ª DI não exibiu boa memória ao escrever um relatório para os americanos, quando esteve como prisioneiro deles. Registrou o Gen. von Gablenz: "No começo de janeiro, bem sucedida batalha de defesa em Abetaia. A unidade atacante brasileira sofreu severas perdas: 20 brasileiros caíram em prisão" (pág. 109). Ora, o relato é absurdo, porque as atividades da FEB no período considerado consistiram em patrulhas diurnas ou noturnas, apoiadas, ou não, por artilharia e morteiros. Ademais, segundo o livro do Mar. Mascarenhas de Moraes, em janeiro de 1945 só contamos quatro desaparecidos no quadro das baixas totais. O crédito do mesmo relatório é comprometido, ainda, no passo seguinte: "Não se sabe se por terem detectado fraquezas do lado brasileiro ou não", escreve W. Waack à pág. 83, "os alemães davam preferência especial em seus "golpes de mão" a pequenas localidades (Casa Buio, Calcinara e Casa d'Ercole) num raio de 1500 m do Belvedere, todas guardadas por tropas brasileiras. Contra Casa d'Ercole, . . . em novembro, a 232ª lançou até uma grande operação com preparação de artilharia e infantaria equipada com bazucas. . .". E transcrevendo: "logo na preparação de artilharia, o inimigo retirou-se e fugiu ao contato". Parafraseando a anedota corrente em nossa artilharia, por 14 razões o depoimento é falso: naquele mês, C. d'Ercole não

estava ocupada por tropa brasileira. Entre 17 e 22 de novembro o Esquadrão de Reconhecimento atuou na região de Gaggio Montano (1,5 km a SE daquele grupo de casas) e lançou patrulhas. Ocupar C. d'Ercole, nunca o fez. Se a história pudesse ser escrita na base do testemunho pessoal, as informações seguintes, colhidas na plaquete "A FEB na 2ª Guerra Mundial", do Gen. Mário Fernandes, neutralizariam os depoimentos tomados por W. Waack. Assim, o batalhão do Ten.-Cel. Gottschalk tinha vindo da frente russa para ser empregado na Linha Gótica, e sabe-se que o inimigo era constituído por uma divisão sul-americana muito combativa, principalmente à noite. De fato, aquele oficial declarou que enfrentara um "inimigo tenaz, agressivo, que à noite não lhes dava tréguas. Eram surpreendidos e vigorosamente atacados". Tais informações foram prestadas ao Ten.-Cel. brasileiro Osny Vasconcelos, que, 20 anos depois da guerra, cursava a Escola de Estado-Maior do Exército alemão, onde Gottschalk era professor. O outro depoimento é do ex-coronel pára-quedista Hans Rudolf Mueller, que em 1946 foi radicar-se em Porto Alegre. Disse ele ao jornal "Zero Hora" (21-02-1970): "Os combates eram diários e os soldados do III Reich aprenderam a respeitar aquela tropa, pela coragem, eficiência e combatividade demonstradas. Com graves perdas, repelimos dois ataques desferidos contra nós nos dias 29 de novembro e 12 de dezembro".

Escreve o autor que o Gen. von Gablenz, em fevereiro de 1945, planejou uma "mini-ofensiva, segundo a qual duas colunas partiriam do vale situado entre o Belvedere e Cappel Buso rumo a Lizzano, no Sul" (págs. 168 e 169). Pela interpretação que fiz do plano, aliás risível, os alemães marchariam em direção a Lizzano in Belvedere, daí infletiriam para Leste, na direção de Sila, e, antes dessa localidade, fariam nova conversão, desta vez para o Norte, buscando recuperar a vila de Bombiana (no original, Monte Bombiana, que não existe). Quer dizer, os alemães fariam um deslocamento noturno de 15 a 20 km, infiltrando-se pelas linhas brasileiras, ou rompendo-as, progrediriam no interior delas e disputariam a posse de Bombiana, ocupada por nós. Decididamente, ou o Gen. von Gablenz queria brincar de guerra ou nada sabia sobre o dispositivo brasileiro-americano.

No capítulo final, o autor bate insistentemente em duas teclas: a FEB teve missões meramente táticas e pouco importantes e atuou em frentes de valor secundário. Ora, é bom notar que o âmbito de uma divisão é tático, enquanto o de um exército ou organização maior é estratégico, embora uma ação divisionária possa ter repercussão estratégica. Buscando a conquista do objetivo, o comandante de um exército distribui encargos aos corpos, e estes às divisões, que atuarão em frentes amplas ou estreitas, fortificadas ou sem organização do terreno, centrais ou de flanco. Assim sendo,

nos primeiros meses de campanha a FEB atuou no que se pode chamar de frente secundária, porque foi empregada, inicialmente, e com justeza do comandante do V Exército, numa região onde o inimigo, em ação retardadora, buscava entrincheirar-se na Linha Gótica. A partir do Plano Encore, cuja realização começou a 19 de fevereiro de 1945, já se não pode falar em frente secundária com relação à tropa brasileira. Ela passou a atuar ombro a ombro com a valorosa 10ª Divisão de Montanha, ora à sua direita (em Monte Castelo e no ataque a M. delle Vedetta — Pietra Colora — M. della Croce, ocasião em que atacamos pelo Sul dessa linha), ora à sua esquerda (em Montese), ou ao lado da 34ª DI americana, na fase da perseguição. O fato de os alemães considerarem secundária a frente italiana (pág. 200) não faz justiça nem ao denodo com que defenderam a Península, nem ao valor dos aliados que pelejaram arduamente em Anzio, Salerno, Monte Cassino, Monte Belvedere, Monte Castelo e Montese, ou sofreram durante meses os rigores do inverno dos Apeninos, sem possibilidade de ação ofensiva de vulto, antes da arrancada para o vale do Pó. So-

bre o vezo de aplicar o pejorativo "secundário" ao Teatro de Operações do Mediterrâneo, encontrar-se-á resposta no livro "Risco Calculado", do Gen. Mark Clark, que comandou o V Exército e, depois, o XV Grupo de Exércitos. De minha parte, acrescento que desmerecer quem lutou numa frente secundária é humilhar quem teve medo, entristecer quem foi mutilado, empanar a glória do bravo e profanar o santuário de quem morreu em combate.

Em conclusão, o autor falhou no propósito de desvendar uma outra face da glória. Catou em arquivos estrangeiros registros desfavoráveis ao comportamento do homem brasileiro e à formação dos quadros do Exército, ouviu veteranos alemães meio esquecidos de fatos de 40 anos passados, enfatizou o lado negativista do acervo consultado e, considerando laudatória a *versão oficial dos acontecimentos*, fez tábula rasa do sacrifício de nossa gente e do heroísmo de tantos de nossos jovens na campanha da Itália. Apesar de tudo, agora, como antes, continua existindo apenas uma face da glória: a glória que pertence à FEB, ao Exército e à Nação.



Cel. de Artilharia Reformado Cel. Newton C. de Andrade Mello. Tem os cursos da EsAO, EsCEME e ESG. Sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e membro do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Serviu como capitão do 2º Grupo de Artilharia da Força Expedicionária Brasileira. Foi instrutor-chefe de geografia e história militar na EsCEME e adjunto do adido militar em Washington. Chefiou a 28ª CSM e comandou o 2º/6º RO 105.